

# Uma câmera na mão, várias ideias nas cabeças

## - Notas sobre a construção de um filme em oficina -

Aluno: Paulo Gleich (PIBIC/CNPq)

Orientadora: Simone Moschen Rickes (FACED/UFRGS)

A Oficina de Imagens do Caps Cais Mental Centro, de Porto Alegre, acontece semanalmente desde o ano de 2006, quando uma terapeuta ocupacional do serviço propôs a criação de um espaço coletivo de trabalho com produção de filmes. A oficina, que em seus primórdios contava com apenas dois - a profissional e um usuário do Caps - cresceu, ao longo dos anos, e hoje conta com mais de dez participantes, que se reúnem a cada segunda-feira para encontrar formas de plasmar, em imagens, algumas das questões que os interrogam. Os primeiros filmes realizados na Oficina partiam de um roteiro que era construído pelo grupo, passando pelo trabalho de filmar para chegar à edição, que era realizada por uma profissional da área em um estúdio de vídeo. Quando integrou-se ao projeto Rede de Oficinandos, a Oficina passou a contar com uma verba do programa MEC-Proext, que permitiu a aquisição de novos equipamentos, possibilitando que, a partir de então, todo o processo de produção se desse naquele espaço. Este movimento trouxe consigo uma série de possibilidades, como um maior tempo para pensar e discutir a edição das imagens e a composição de uma narrativa, questões que por sua vez também colocaram impasses ao grupo, até então não familiarizados com esta etapa da composição de um filme.

No ano de 2009, após ter sido realizada uma série de filmes a partir de um roteiro pré-estabelecido, o trabalho iniciou-se com uma nova proposta: iríamos decidindo os rumos do filme ao longo do processo de filmagem, seguindo a ideia de cineastas que propuseram uma forma mais experimental de trabalho: uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, ou, no caso da Oficina de Imagens, várias ideias nas muitas cabeças que a compõem.

O processo que se deu ao longo do ano, pleno de caminhos e descaminhos, idas e vindas e mudanças de rumo gerou o filme "Construindo Sonhos", que foi finalizado em dezembro, para as festividades de final de ano do serviço. No filme, foram recolhidas algumas das imagens captadas ao longo do trabalho, constituindo uma síntese dos caminhos percorridos pelo grupo, registrados pela lente da câmera.

Neste trabalho, destacamos algumas cenas que ocorreram ao longo daquele ano e que nos parecem paradigmáticas para ilustrar alguns pontos que viemos pensando, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Política e Cultura, como componentes necessários, mas não suficientes, de um trabalho em oficina.

### *O que existe, insiste - ou o que insiste, existe?*

No acompanhamento dos caminhos percorridos pelo grupo, dois movimentos, aparentemente paradoxais, acompanham nossa atenção: por um lado, estamos atentos ao novo, ao inesperado que emerge em uma fala, em uma proposta. Por outro, cuidamos para não fazer ouvidos surdos ao que se repete, que, como nos indica Freud, aponta para uma marca crucial do sujeito, mesmo que travestida por uma expressão sintomática.

Também no grupo podem observar-se repetições, algumas tão inusitadas quanto a que se apresentou no começo do ano, quando nos reunimos para pensar em um assunto para o filme a ser realizado. Cada participante anotou, em uma folha de papel, algumas palavras ou ideias de temas possíveis. Na hora de compartilhar, uma surpresa: havia um tema que perpassava quase todos os escritos, e que dizia respeito a questões relativas ao tratamento que recebem no Caps. O que é a psicologia? O que é doença mental? Como funciona tal remédio? Em outro momento, a repetição (incômoda, para muitos - especialmente os terapeutas!) de uma usuária que inquiria sobre a função da Oficina de Imagens no tratamento possibilitou que esta questão fosse tomada pelo grupo que, entre outras respostas, afirmou que "serve para aprender a se relacionar". Provas de que a repetição, por mais que incomode, sempre tem algo a nos dizer, e que pode contribuir às construções da oficina.

### *Um trabalho impossível sem a presença do outro*

Uma das dimensões da oficina é que esta só pode ser assim caracterizada quando há a presença de um coletivo - mesmo que seja, às vezes, um coletivo de dois! Seja em uma oficina na qual todos trabalham juntos na produção de um mesmo objeto - como o filme na Oficina de Imagens - ou de produções individuais - como oficinas de pintura ou escrita -, esta produção sempre se dá entre outros. Acompanhada do olhar do outro, da escuta do outro, da presença física do outro - que, sabemos, nem sempre e nem para todos é fácil de suportar.

A primeira filmagem que decidiu-se realizar foi uma entrevista coletiva com o psiquiatra do Caps, que atende grande parte dos usuários. A dimensão da coletividade foi o que permitiu, a muitos deles, colocar questões a respeito do tratamento, da doença mental, dos medicamentos, questões que até então não tinham ousado perguntar, nos atendimentos individuais.

Pensamos essa dimensão coletiva a partir do conceito da "função fraterna", proposto por Maria Rita Kehl, como essa função desempenhada pelos pares em momentos de maior fragilidade psíquica - como a adolescência - ou em sujeitos em que a questão das bordas e da identidade se impõe como um impasse sempre a ser enfrentado. A possibilidade de encontrar(-se) nos outros permite a tomada de posições que, fora do coletivo, não seriam possíveis, ou pelo menos, mais difíceis, para o sujeito.

### *Obstáculos que abrem novos caminhos*

Obstáculos geralmente são vistos como entraves que têm de ser eliminados o mais rápido possível para dar seguimento ao caminho que se quer percorrer. No caso da oficina, nem sempre é assim; às vezes, um obstáculo pode indicar a necessidade de se tomar um novo caminho, um desvio, ou até de voltar alguns passos para repensar o ponto ao qual se quer chegar.

Nos encontrávamos às voltas com os preparativos para a segunda entrevista coletiva que o grupo havia planejado. No entanto, por razões que fugiam de nosso alcance, a convidada esteve impossibilitada de comparecer nos dias propostos... Após a terceira falta dela, o clima de decepção ameaçava tomar conta do grupo. Mas, como fazia um belo dia - e alguém havia sugerido a realização da entrevista em outra locação que não o Caps -, decidiu-se dar uma volta no parque para procurar um lugar apropriado para a entrevista.

No caminho, alguém lembrou que aquele era o Dia do Amigo e, então, decidimos realizar uma filmagem em torno desse tema. Foram entrevistadas pessoas no parque, e cada um dos integrantes deu um depoimento sobre a amizade. Desta maneira, o trabalho daquele dia deu uma guinada rumo ao inesperado, que não apenas se revelou produtivo, como também terminou constituindo-se numa parte importante, e sempre lembrada por aqueles que a construíram, do trabalho.

### *Limites e possibilidades que o tempo coloca*

A forma de trabalhar sem uma meta pré-fixada - não sabíamos que filme resultaria do processo ao qual havíamos nos entregado, nem quando ele seria finalizado - oportunizou que muitas produções tivessem lugar, embora nem sempre soubéssemos se seriam "aproveitáveis" no contexto de um filme editado. Isso deu espaço para que se realizassem filmagens de temas que, quando se segue um roteiro estabelecido, não teriam sido possíveis - como algumas experimentações com a câmera ou a acolhida de desvios no rumo de uma entrevista previamente planejada.

Por outro lado, a ausência de um prazo para conclusão do filme ameaçava com que se permanecesse apenas em uma contínua produção de imagens, sem que nos puséssemos a pensar na costura que daríamos às imagens captadas, com vias à confecção do filme. Foi a imposição de um prazo para a finalização do filme que terminou nos ajudando: decidiu-se, no grupo, terminar o filme para apresentá-lo à equipe e aos demais usuários do Caps nas comemorações de final de ano. Dado este limite, tínhamos um possível dentro do qual trabalhar, e um impossível a ser deixado de lado; os trabalhos de filmagem foram dando espaço às conversas sobre os rumos do trabalho, e chegou-se a um produto, finalmente: o filme "Construindo Sonhos".

A questão do tempo para concluir em um trabalho em oficina, especialmente quando se constrói coletivamente um objeto, não é de simples resposta: trata-se de encontrar um prazo nem curto demais, possivelmente injuntivo ou inibitório, nem longo demais, sem colocar um horizonte para uma possível conclusão.